

12 MAI 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ ROSÂNGELA BITTAR

Que nota dá a maioria?

Há muita gente, de dentro e fora do governo, avaliando neste momento se são falsas ou reais as dificuldades de imagem que atormentam o presidente Fernando Henrique. Além das análises sobre pesquisas do desempenho da administração e do presidente da República, que têm resultados altamente favoráveis, discute-se o significado das desgastantes críticas que, apesar dos bons índices, o governo tem recebido.

É grande a curiosidade sobre o real nível de satisfação das classes mais pobres e mais ricas ou de insatisfação da classe média. Em estado de perplexidade, o governo acompanha eventuais uniões da oposição política formal ao protesto da vez, para reclamar e criticar. O governo sabe que vem falhando na comunicação institucional, mas tem certeza de que a comunicação não o faria superar os tipos de obstáculos que vêm surgirem agora.

O presidente continua sendo assediado em suas viagens pelo interior do Brasil, é verdade. São muitos os que o convidam para comer, em casa, um franguinho ensopado, e esse assédio não vem apenas das classes mais pobres que o apoiaram desde o início. Mas existe uma zona intermediária, localizada entre os mais ricos e os mais pobres, que já tem um apelido nas conversas de governo: é o *redemoinho*, onde, ultimamente, a oposição política tem montado o seu quartel-general. Aí as avaliações negativas se amplificam.

Há algumas semanas, cinco ou seis, por aí, que essas críticas ao presidente Fernando Henrique passaram a se espalhar. Eram feitas há mais de ano por um ou outro analista e sempre caíam no vazio, provavelmente porque não eram reconhecidas como verdadeiras pelo senso comum. Agora nota-se certa mudança. Os que conhecem o presidente de muito perto, mesmo intelectuais que com ele convivem, crêem, por exemplo, que está ali um vaidoso exagerado, mas não um déspota, um imperador, um autoritário, um arrogante, como se tornou comum qualificá-lo. Mas para identificar uma data próxima em que os adjetivos passaram a pegar, ficaremos com a entrevista concedida por José Artur Gianotti ao JORNAL DO BRASIL.

Se um amigo, colega de trabalho durante muitos anos, participante certamente de muitas discussões com Fernando Henrique e intelectual como ele, diz que o presidente é um déspota, a credibilidade é total. Mesmo que essa situação de desconforto não seja ainda retratada em pesquisas, o governo atribui grande importância ao que surge no boca-a-boca, e acha

que a partir disso pode ser formada uma onda perigosa que seja capaz até de ultrapassar a fronteira do *redemoinho*.

Não se sabe, ainda, o que fazer, ou se é necessário fazer alguma coisa mais urgente, uma vez que a popularidade do presidente não foi afetada. Mas é um problema em discussão no governo:

É natural que todos se voltem agora para o governo federal e perguntem: "O que este cara está fazendo?"

Segundo a análise do presidente do instituto Vox Populi, Marcos Coimbra, os últimos números de que dispõe, em levantamentos feitos pelo Vox tanto em estados historicamente governistas como em outros que não guardam essa característica, mostram que os índices de avaliação do governo continuam elevados. Os que acham o governo Fernando Henrique ótimo e bom ainda são mais de 60%, e se a esses se juntarem os que dão nota regular ao governo é possível chegar a mais de 80%. "A minha tendência é crer que os números não estejam refletindo mudança significativa da situação", disse Coimbra.

Da mesma forma, pesquisa do instituto Datafolha aplicada depois da marcha dos sem-terra e das resistências à venda da Vale do Rio Doce revela que está em 80% — somados os que o consideram bom, ótimo e regular — a aprovação ao presidente após os dois anos e cinco meses de mandato, sendo o Plano Real aprovado por 76% da população nessa pesquisa.

Várias hipóteses, segundo Marcos Coimbra, podem tentar explicar esses resultados. É possível, por exemplo, que quando o cidadão seja instado a dar sua opinião verdadeira, e não esteja apenas se manifestando numa conversa livre, ele continue a considerar que o governo Fernando Henrique fez muita coisa. A soma das virtudes, portanto, continuaria maior que a soma dos defeitos. Outra razão forte seria, na opinião do analista, a continuação da estabilidade, três anos depois de criado o Real. É um fato altamente positivo entre os mais pobres e também entre muitos da classe média. "A manutenção da estabilidade é uma grata surpresa, renovada a cada dia, uma novidade na vida dos brasileiros." A estabilização vem resistindo, e atravessou, pelo menos, duas eleições — a do próprio Fernando Henrique e as municipais em 96 — sem que acabasse no dia seguinte, como todos desconfiavam.

Na imagem do governo sempre houve, contudo, uma contradição. A população reconhece com facilidade os feitos na área econômica mas não consegue enxergar realizações na área social. E é justamente nessa área que, tanto ano passado como este, nesta mesma época, aconteceram sérios problemas que deram ao governo uma imagem de pouco compromisso com a área social. Passadas essas fases, contudo, superados os desgastes, a popularidade do governo volta a ter índices crescentes, segundo a avaliação de especialistas. Para o presidente do instituto Vox Populi, não é generalizado o sentimento oposicionista, e a maioria continua dando nota positiva ao governo. Coimbra acha natural que, empossados os novos prefeitos e ainda distantes as próximas eleições, todos se voltem de novo para o governo federal para perguntar: "O que este cara está fazendo?"